

A RUPTURA DAS MÁXIMAS DE GRICE EM TIRINHAS E A FORMAÇÃO DO HUMOR

4

THE BREAKDOWN OF GRICE MAXIMUMS IN STRIPS AND THE FORMATION OF MOOD

CONDE, Érica Pires

Mestra em Linguística – Universidade Federal do Ceará – UFC
Professora Adjunta IV da Universidade Federal do Piauí – UFPI
e-mail: ericaconde@uol.com.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0473-7870>

LOPES, Iveuta de Abreu

Doutora em Letras – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Mestra em Linguística – Universidade Federal de Brasília – UNB
Professora do Programa de Pós-Graduação de Letras (PPGEL) – Universidade Federal do Piauí – UFPI
e-mail: iveuta@uol.com.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0204-4301>

RESUMO

Este trabalho analisou pragmaticamente a ocorrência da ruptura das máximas de Grice em tirinhas. Para tanto, partimos do seguinte questionamento: Por que o abandono das máximas de Grice, em tirinhas, gera humor? O objetivo geral deste estudo é identificar como o abandono das máximas de Grice, em tirinhas, cria o humor. O aporte teórico faz uso dos estudos de Wittgenstein (1975), Grice (1975), Ferreira (2000), Mey (2001), Bräscher (2002), Silva (2006), Tavares (2006), Levinson (2007), Silveira (2007), Caçado (2008), Costa (2009), Nóbrega (2016), Silva (2017), Marcondes (2017) e Arroyo (2020). A pesquisa desenvolvida por nós tem caráter qualitativo. Analisamos cinco tirinhas do Dr. Pepper. O resultado aponta que o humor, nas tirinhas do Dr. Pepper, manifesta-se pelo abandono de duas máximas de Grice: a máxima da quantidade e a de modo.

Palavras-chave: Implicaturas; máximas de Grice; tirinhas.

ABSTRACT

This work pragmatically analyzed the occurrence of the rupture

of Grice maxima in strips. Therefore, we started with the following question: Why does the abandonment of Grice's maxims, in strips, generate humor? The general objective of this study is to identify how the abandonment of Grice's maxims, in strips, creates humor. The theoretical contribution makes use of studies by Wittgenstein (1975), Grice (1975), Ferreira (2000), Mey (2001); Bräscher (2002), Silva (2006), Tavares (2006); Levinson (2007), Silveira (2007), Cançado (2008), Costa (2009), Nóbrega (2016), Silva (2017), Marcondes (2017) and Arroyo (2020). The research developed by us is qualitative in nature. We analyzed five strips by Dr. Pepper. The result shows that humor, in Dr. Pepper's strips, is manifested by the abandonment of two of Grice's maxims: the maximum of quantity and that of mode.

Keywords: Implications; grice maxims; comic strips.

INTRODUÇÃO

É inegável que ao produzirmos um enunciado estaremos diante de duas possibilidades de significado: o que está dito explicitamente e o que é entendido por um processo inferencial, fora do código linguístico, construído a partir de premissas, que serão julgadas como verdadeiras ou falsas, e que criarão diferentes conclusões.

Nossa atenção se volta, portanto, para a compreensão dos significados implícitos presentes nos enunciados de uma língua. Partimos do pressuposto de que nem tudo é compreendido e que por isso há muitos mal-entendidos durante a comunicação.

Assim, nosso objetivo, neste trabalho, é identificar como o abandono das máximas de Grice em tirinhas cria o humor. Para tanto, partimos do seguinte questionamento: Por que o abandono das máximas de Grice em tirinhas gera humor?

Nossa análise, portanto, é de caráter pragmático, porque vai além do dito, procurando ver as informações que são transmitidas e não são explicitamente veiculadas. Baseamo-nos nas máximas de Grice, destacando as suas infrações e as decorrências disso no contexto das tirinhas do Dr. Pepper.

Nossa fundamentação teórica ancora-se em Wittgenstein (1975), Mey (2001), Tavares (2006), Levinson (2007), Nóbrega (2016), Silva (2017) e Marcondes (2017), que mostram a linguagem em ação, ou seja, em diferentes contextos; Costa (2009), Grice (1975), Silveira (2007), que falam sobre o princípio de cooperação; e, por fim, Ferreira (2000),

Bräscher (2002), Silva (2006), Cançado (2008) e Arroyo (2020), que explicam como a ambiguidade se manifesta em textos.

Assim, vendo a compreensão de um enunciado indo além da decodificação, percebemos que o humor, nas tirinhas, manifesta-se na infração das máximas de Grice. No caso de nosso estudo, que procurou ver as ocorrências da ambiguidade, constatamos que a sua manifestação dá-se com o abandono da máxima de quantidade e da máxima de modo.

A VISADA PRAGMÁTICA

A pragmática é uma parte da linguística derivada da filosofia da linguagem ordinária, que surge das ideias propostas por Wittgenstein e da crítica de Russell aos escritos de Strawson. Auroux (1998) expõe que essa parte da filosofia voltava-se para o estudo da linguagem no cotidiano dos homens, dando acesso aos conhecimentos adjacentes ao uso.

Segundo Silva (2017), é a partir do livro de Wittgenstein (1975), *Investigações Filosóficas*, em que substitui o paradigma da representatividade pelo paradigma da comunicabilidade, que o uso da linguagem, ou melhor, a linguagem em ação nos contextos sociais, ganha destaque em suas reflexões.

É a partir de Charles Morris, no início do séc. XX, com a Semiótica (MEY, 2001; TAVARES, 2006; LEVINSON, 2007), que a pragmática ganha relevância, diante da delimitação entre sintaxe, indicando o estudo da relação formal dos signos entre si, ou seja, a construção da a estrutura do enunciado; semântica, a relação dos signos entre si e sua possível significação; e pragmática, a relação entre signos e seus intérpretes.

Para Nóbrega (2016), na visão morrissiana, essas ciências têm em comum o estudo do significado, mas em diferentes abordagens. Ele diz que entender a semântica é limitar o significado em nível de sentença, sendo importante considerar a descrição e a análise linguística sem o contexto e o usuário.

Já no que se refere à pragmática, Nóbrega (2016) mostra que a relevância é dada à perspectiva do usuário, inserido em dado contexto. Isso posto, podemos falar que os elementos necessários a serem observados em uma análise pragmática são: o usuário e a situação social.

Ao fazer reflexões sobre como definir pragmática, Levison (2007) diz que poderíamos indicá-la numa perspectiva funcional da linguagem, aproximando-a da sociolinguística e da psicolinguística. O autor mostra que a preocupação dessa ciência está relacionada ao uso

da linguagem, e não com a descrição da estrutura linguística. Assim, enquanto a gramática estaria preocupada com as formas linguísticas, desconsiderando o contexto, a pragmática levaria em conta essas formas inseridas em situações de uso.

Entretanto, o próprio autor diz ser bastante rasa essa diferença, uma vez que há outras ciências linguísticas que se preocupam com as estruturas linguísticas em contexto. Dessa forma, explica Levinson (2007), a pragmática estuda a estrutura linguística dependente de contexto, como princípios de uso e de compreensão sem nenhuma relação com a estrutura linguística.

Nessa construção conceitual de pragmática, o autor enumera gradativamente características consideradas por essa ciência: o uso da língua, linguagem no contexto, o que não é capturado pela semântica, a relação entre língua e contexto, capacidade dos usuários de emparelhar sentenças com o contexto, até chegar a nomes como dêixis, implicatura, pressuposição, atos de fala e estrutura discursiva.

PRAGMÁTICA E IMPLICATURAS: AS MÁXIMAS DE GRICE

Existem, no momento da comunicação, significações explícitas, o posto, e significações implícitas, o pressuposto, que é considerado tanto pela semântica como pela pragmática.

Os falantes de uma língua fazem inferências nos significados implícitos. Para entendermos esses significados, recorreremos à Teoria das Implicaturas de Grice, com o intuito de explicar que o significado não se apresenta apenas no que é explícito na comunicação.

Começamos com a posição de Costa (2009), que menciona que o ponto inicial de análise do conceito de implicatura é o entendimento da Teoria da comunicação de Grice, que afirma que, quando dois indivíduos estão conversando, existem leis implícitas que conduzem o ato comunicativo, ou seja, existem normas comuns e implícitas que caracterizam um sistema cooperativo entre eles.

Grice (1975 *apud* COSTA, 2009) denomina ao conjunto de regras que regem a comunicação, em que falante e ouvinte controlam a produção de significado, de princípio de cooperação. Para ele, existem quatro máximas que são basilares para que a comunicação seja bem sucedida: a máxima da quantidade, segundo a qual existe uma quantidade certa de informação em uma mensagem e, por isso, o falante deve controlar a informação em dois sentidos: a mensagem deve ser tão informativa quanto necessário para a conversação e a informação deve

estar na quantidade certa; a máxima da qualidade, a qual se volta para a verdade, afirmar apenas o que pode ser evidenciado adequadamente; a máxima da relação, ligada à relevância; e, por fim, a máxima do modo, ligada à clareza e à expressão ordenada, destacando a necessidade de evitar a obscuridade de expressão, a ambiguidade e a prolixidade.

Silveira (2007, p. 35) afirma que Grice trabalha com a inferência pragmática, ou implicaturas, que são vistas como proposições implicadas pelo enunciado de uma frase ou de um contexto. Para ela, na visão de Grice, implicatura:

(...) trata-se de proposições que estão implicadas pelo enunciado de uma frase em um determinado contexto, ainda que essa proposição não faça parte do que é efetivamente dito. Esse conceito é um recurso teórico, que visa a oferecer um tratamento complementar à Semântica. (SILVEIRA, 2007, p. 35)

Como vimos, a inferência está relacionada ao que não é dito. Para Silveira (2007), é Grice quem organiza toda a explicação sobre o dito, o que apresenta valor semântico, sendo convencional ou literal, e o implicado, o significado que está relacionado ao contexto da conversação, sendo assimilado mediante um raciocínio lógico.

A autora também apresenta que a contribuição de Grice está em mostrar que a explicação do significado de um enunciado está naquilo que o falante quer dizer. Então, não é só o dito que significa, mas também o que queremos manifestar dizendo.

Grice (1975 *apud* VIEIRA, 2012) introduz o termo implicatura, considerando duas possibilidades de ocorrência: a implicatura convencional, que se volta para a significação literal das palavras, e a implicatura conversacional, que está fora do código linguístico, sendo, portanto, implícito.

A AMBIGUIDADE COMO RECURSO DE HUMOR

Costumeiramente, deparamo-nos com frases ambíguas. A ambiguidade ocorre na construção de um enunciado no qual se detecta mais de um sentido. Ela está relacionada aos fenômenos da conotação, que é compreendida como um significado subjacente ou secundário de uma palavra, e da polissemia, a multiplicidade de significação.

Para Ferreira (2000), a ambiguidade, no que se refere ao significado, ora desloca o foco para o falante, ora para o receptor. Existe um jogo entre o que é enunciado explícito e implicitamente.

Para a autora, existem algumas características da ambiguidade: ser regionalista, presente em situações culturais, e ser intraduzível, ou seja, no momento da tradução de textos, elas tendem a desaparecer. Bräscher (2002) mostra a ambiguidade relacionando-a a contextos, ou seja, os significados extraídos de um enunciado dependem do local em que são usados.

Silva (2006) expõe alguns fenômenos linguísticos que auxiliam ou provocam o surgimento da ambiguidade em enunciados: a policategorização, ou seja, quando uma palavra apresenta a possibilidade de ser categorizada de diferentes formas (substantivo, adjetivo, verbo); a ambivalência, quando há, segundo Ferreira (2000), uma duplicidade interna a ser resolvida; a metáfora, o emprego de uma palavra em contexto diferente do seu, por analogia ou comparação; o duplo sentido, que está desvinculado do sujeito falante e, portanto, da língua; a indeterminação, que também margeia a ambiguidade, podendo ser confundida com ela; a vaguidade, que mostra que a ambiguidade pode ser causada por falta de informação na sentença; a polissemia, que valoriza a interpretação no contexto, uma vez que pode assumir significados diferentes; a anáfora, a repetição sistemática de uma expressão; a sinonímia, quando uma palavra tem o mesmo significado que outra; os homônimos, isto é, palavras pronunciadas da mesma maneira, mas que possuem significado e origem diferentes; e por fim, a homografia, palavras escritas da mesma maneira, mas que possuem significados diferentes.

Arroyo (2020, p. 35) apresenta uma classificação de ambiguidade: ambiguidade sintática, em que percebemos que a sintaxe cria diferentes possibilidades de combinação entre as palavras de uma sentença; a ambiguidade de escopo, quando a interpretação de uma palavra depende da interpretação de outra; a ambiguidade semântica, que se volta para a identificação de expressões dêiticas (referindo-se a um elemento no contexto); ambiguidade lexical, quando uma palavra apresenta mais de um sentido ou quando existe uma “identidade de forma entre os itens lexicais”, podendo ser gerada a partir da homonímia ou da polissemia.

Para a autora, retomando as palavras de Cançado (2008 *apud* Arroyo, 2020), a homonímia está relacionada a muitos sentidos atribuídos a um léxico ambíguo, podendo se manifestar por palavras homógrafas (mesma grafia e pronúncia e significados diferentes) ou homófonas (mesmo som, mas grafia e sentidos distintos).

Arroyo (2020) explica que a homonímia está para o significante da palavra, ao passo que a polissemia prende-se ao significado. Cançado (2008 *apud* Arroyo, 2020) argumenta que, no que se refere à polissemia

no contexto da ambiguidade, a ocorrência dá-se quando os possíveis sentidos da palavra ambígua apresentam alguma relação entre si.

Ao analisarmos a ambiguidade neste estudo, procuramos olhar não apenas a palavra e a sentença como um todo, mas buscamos verificar o significado no contexto criado pelas tirinhas.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida por nós tem caráter qualitativo, uma vez que prende-se à subjetividade dos pesquisadores e valoriza a interpretação. Segundo Chizzotti (2006), o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. Dessa forma, procuramos buscar uma compreensão do fenômeno ambiguidade em tirinhas.

Analisamos cinco tirinhas do Dr. Pepper, que foram retiradas do site <https://doutorpepper.com.br/category/18-area/page/4/>. Para tanto, fizemos uma análise prévia e escolha aleatória de tirinhas que usavam a ambiguidade, a fim de compreender como ocorre a ruptura das máximas de Grice, gerando a ambiguidade. Fizemos, portanto, uma análise pragmática.

ANÁLISE PRAGMÁTICA DA RUPTURA DE MÁXIMA DE QUANTIDADE E MODO DE GRICE EM TIRINHAS

Wittgenstein (1975 *apud* SILVA, 2017), em *Investigações Filosóficas*, destacou a dimensão do uso do signo, considerando seus elementos extralinguísticos, na busca do sentido linguístico, ou seja, substituiu o paradigma da representatividade pelo paradigma da comunicabilidade.

Marcondes (2017) enfatiza que Wittgenstein rompe com a dicotomia entre linguagem e realidade, ou seja, a linguagem e a realização do seu ato seriam indissociáveis. Assim, mediante os estudos wittgensteinianos, temos o estudo da palavra no uso cotidiano, sendo necessário o exame dos vários contextos em que o signo é usado.

Optamos, dessa forma, por analisar a linguagem em uso, seguindo os pressupostos teóricos de Levinson (2007) e Nóbrega (2016), que veem a linguagem considerando os usuários e a situação social. Especificamente, procuramos entender a produção de ambiguidades em tirinhas do Dr. Pepper, para tanto fizemos uma seleção de cinco.

O ponto de partida de nossa análise é o princípio de cooperação de Grice. Recordamos o posicionamento de Costa (2009), que diz ser a análise do conceito de implicatura o ponto central da Teoria da Comunicação de Grice, que mostra que, ao conversar, há leis implícitas

que conduzem o ato comunicativo, criando um sistema cooperativo entre os interactantes.

Então, verificamos as contribuições dos interactantes para a conversação no desenvolvimento da interação. Enfatizamos, especificamente, a ruptura das máximas de Grice em tirinhas do Dr. Pepper com ambiguidades, conforme vemos a seguir:

Tirinha 1



Percebemos a ruptura de duas máximas de Grice na tirinha 1, a máxima de quantidade e a de modo. A primeira acontece, porque a informação não é dada na quantidade certa: “Joselito, me vê uma porção de pipoca?”. Por isso, o artigo indefinido “uma” passa a ser visto também como numeral, ocasionando ambiguidade. A resposta do receptor torna-se ambígua, porque a palavra “uma” pode ser interpretada como “uma – numeral” ou “uma- artigo indefinido”, “uma porção de pipoca”. A resposta dada mostra a quebra das máximas de quantidade e de modo pelo falante. Há pouca informação na solicitação feita, o que ajuda o receptor a compreender que seria uma só pipoca. Como é sabido, a ambiguidade pode se manifestar na ausência de clareza.

Percebemos, portanto, uma diferença entre o que é dito e o que é significado. (GRICE, 1975). O abandono das máximas de Grice também ocorrem na tirinha 2 abaixo:

Tirinha 2



Nesse caso, a resposta do receptor, “sim”, à pergunta “Então você faz programa?” também não traz a quantidade de informação necessária, uma vez que ele parte do pressuposto de que o emissor seria capaz de fazer a leitura do contexto. Além disso, a palavra “programa” passa a ter dois sentidos: para o emissor, “sistema operacional”, para o receptor, programa de sexo, acarretando a ambiguidade e ferindo a máxima de modo de Grice. Mais uma vez fica marcado o que Grice (1975) abordou em seus estudos: o que é implicado nem sempre é codificado. Há inferências feitas tendo por base a relação travada no contexto e os participantes que fazem parte dela.

Retomando os estudos de Ferreira (2000) e Bräscher (2002) sobre a ambiguidade, identificamos duas características presentes nos casos analisados: o deslocamento do significado, ora para o falante, ora para o receptor e a sua relação com o contexto analisado.

Um ponto que merece destaque, no estudo feito, é que a infração da máxima de quantidade, ausência de informação, origina a ambiguidade do tipo vaguidade, na visão de Silva (2006).

Tirinha 3:



Esse exemplo traz, também, a ocorrência do abandono da máxima da quantidade e da máxima de modo de Grice. A da quantidade, porque não há, da parte do emissor, uma explicação do que seria “faz tudo” e a de modo, pois a mesma expressão passa a ser percebida, no contexto, como ambígua: faz tudo de sexo ou faz qualquer serviço.

Conforme Grice (1975) apresenta em seus estudos, os interactantes cooperam e fornecem informações relevantes para os significados de

suas conversas. Existe, portanto, um jogo de significados confirmados ou descartados no decorrer do diálogo. Fica evidente que os sentidos extraídos dos enunciados tem uma relação próxima do contexto em que ocorre a conversação (BRÄSCHER, 2002).

Assim como ocorreu com a tirinha 3, as tirinhas 4 e 5 manifestam a necessidade de considerarmos o contexto para sua interpretação:

Tirinha 4



www.DrPepper.com.br

Para Silva (2006), o fenômeno linguístico vaguidade ocorre sempre em contextos em que há falta de informação. Observamos que, na tirinha 4, a expressão “o dia de amanhã” pede acréscimos de termos: **o que acontecerá** no dia de amanhã (grifo nosso). A falta deles acarreta duas interpretações: o dia de amanhã é incerto ou a sequência de dias (sexta-sábado). Do mesmo modo, observamos na tirinha 5, a seguir:

Tirinha 5



A expressão “dá um gole”, pela análise do contexto, gera a possibilidade de duas formas de compreensão: “Dá-me um gole?”/ “Eu

quero beber um gole”, ou “O que tem aí, no recipiente, dá um gole?”. Mais uma vez, evidenciamos que a falta de informação e a falta de clareza criam a ambiguidade na tirinha 5.

Percebemos que, em todas as tirinhas, há a presença da implicatura conversacional de Grice (1975), pois a inferência que fazemos dos enunciados apresentados vão além do significado usual das palavras. Além de ficar evidente que, para a formação do humor, há o abandono de duas máximas de Grice: a de quantidade e a de modo.

Consideramos, nesta análise, a ambiguidade como um recurso que mostra o que está subjacente em cada estrutura linguística ambígua. Isso posto, percebemos que não é possível analisar a estrutura linguística isoladamente.

Vale destacar que, ao analisarmos a ambiguidade nas tirinhas do Dr. Pepper, a ruptura da máxima de Grice, máxima de modo, criando a ambiguidade, acontece não apenas pelo significado literal da palavra, mas pela presença da mesma no contexto.

Constatamos, considerando a classificação de Arroyo (2020), que o tipo de ambiguidade presente na análise feita é lexical (tirinha 1 e 2), porque há palavras que apresentam mais de um sentido (uma e programa); e semântica (tirinhas 3,4 e 5), pois temos expressões que, no contexto analisado, geram mais de um significado (faz tudo, o dia de amanhã e dá um gole). Ocorrendo a homonímia, segundo Cançado (2008 *apud* Arroyo, 2020), nos dois primeiros casos.

É perceptível que o abandono das máximas de Grice acarreta, nas tirinhas, a quebra da regra da quantidade e da regra de modo (seja claro), o que gera a ambiguidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente, no desenvolvimento deste estudo, que uma informação de um enunciado vai além do que pode ser dito. Existe a possibilidade de indicarmos a presença da implicatura conversacional nas tirinhas do Dr. Pepper.

Assim, as tirinhas do Dr. Pepper usam da ruptura de duas máximas de Grice, a máxima da quantidade e a máxima de modo, o que gera ambiguidade, e, conseqüentemente humor, presente na sacada de não dizer o óbvio, considerando o contexto de realização.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Rafaela Regina Ghessi - Ambiguidade Lexical como Produtora de Efeitos de Humor em Tirinhas do Armandinho. **REVISTA VERSALETE**. Curitiba, Vol. 8, nº 15,

jul.-dez. 2020. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol8-15/2-GHESSI-ARROYO.-Rafaela.-Ambiguidade-lexical.pdf> Acesso em: 16 dez.2021

AUROUX, Sylvain. **La raison, le langage, et les normes**. Paris, PUF. 1998

BRÄSCHER, Marisa. A ambigüidade na recuperação da informação. **DataGramZero**, v. 3, n. 1, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5338>. Acesso em: 07 jun. 2022.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: Noções Básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

COSTA, Jorge Campos da. A Teoria Inferencial das Implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 12-17, jul./set. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/CCE/Downloads/5758-Texto%20do%20artigo-18991-1-10-20090909.pdf> Acesso em: 14 dez.2021.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez. 2006

FERREIRA, Maria Cristina Leandro **Da ambigüidade ao equívoco: A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 2000.

GRICE Herbert.Paul. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Ed.). **Syntax and semantics**. New York: Academic Press, 1975. v. 3. p. 43.

LEVINSON, Stephen Curtis. **Pragmática**. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari; revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCONDES, Danilo. **As armadilhas da linguagem**. Zahar, 2017

MEY, Jacob Louis. **Pragmatics: an introduction**. 2 ed. Malden: Blackwell, 2001.

NÓBREGA, Daniela Gomes de Araújo. Pragmática e sociolinguística interacional: contribuições para a formação de professor em línguas materna e estrangeiras. In: SOUZA, F. M., and ARANHA, S. D. G., orgs. **Interculturalidade, linguagens e formação de professores** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 49-65. **Ensino e aprendizagem collection**, vol. 2. ISBN 978-85-7879-347-0. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/qbsd6/pdf/souza-9788578793470-05.pdf> Acesso em: 16 de out. 21

SILVA , Danillo da Conceição Pereira. **Atos de Fala Transfóbicos no Ciberespaço: uma análise pragmática da violência linguística**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE. 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8523/2/DANILLO_CONCEICAO_PEREIRA_SILVA.pdf Acesso em: 16 out. 2021.

SILVA, Lúcio Buzon da. **Ambigüidades da língua portuguesa: recorte classificatório para a elaboração de um modelo ontológico**. Dissertação (Departamento de Ciência

da Informação e Documentação da Universidade de Brasília). Brasília. 2006. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2188/1/2006_LucioBuzondaSilva.pdf Acesso em: 15 dez.21

SILVEIRA, Silvana Souza. **Teoria das Inferências Pragmáticas do Tipo Implicaturas: Por uma potencial aplicação para o ensino/aprendizagem do Português como L2.** Tese. (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). 2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1851/1/400557.pdf> Acesso em: 03 dez.2021

TAVARES, Roseanne Rocha. A interação verbal no contexto pedagógico à luz da micro-análise etnográfica da interação. In: LEFFA, V. (Org.). **Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos.** Pelotas: Educat, 2006. Disponível em: <https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Pesquisa%20em%20LA%20-%20completo.pdf>. Acesso em: 07 jun.2022

VIEIRA, Fernanda Miranda da Silva. As Máximas Conversacionais e a Correção de Textos. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Pragm%C3%A1tica/Fernanda%20-%20AS%20M%C3%81XIMAS%20CONVERSACIONAIS%20E%20A%20CORRE%C3%87%C3%83O%20DE%20TEXTOS.pdf> Acesso: 22 dez.2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Remarks.** Rhees, R. (Ed.). Translated by Hargreaves, R. & White R. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

Recebido em: 30/12/2021

Aceite em: 07/06/2022